

RESENHAS

ALBISETTI, Cesar Venturelli, Angelo Jayme — *Enciclopédia Bororo, vol. II: lendas e antropônimos*. Campo Grande, Museu Regional D. Bosco, 1970. 1269 pg., ilus.

Como afirmam os autores a bibliografia referente à cultura e à língua Bororo não falta mas, em geral é muito falha e imperfeita o que os levou a lançar mão de uma investigação direta, num cuidadoso e prolongado, mais de dez anos, trabalho de campo. A escolha dos informantes (os salesianos com longa experiência entre indígenas e os próprios Bororo) é bem marca da fidelidade da obra, e, se mais não fosse, não é lícito esquecer que, por quase quarenta anos de permanência entre indígenas, o Pe. Albisetti coletou mais de 10 mil formas lingüísticas e sessenta lendas.

Entre os sacerdotes informantes está o Pe. Giuseppe Pessina, autor de uma gramática bororo publicada em 1908, e Pe. Antonio Colbacchini, colaborador principal do Pe. Antonio Tonelli no estudo dessa língua aborígine. Meriri Otodúla que iniciou, em 1915, Cesar Albisetti nos "mistérios da língua Bororo e do qual corrigia os erros de dicção, de construção e de conceito", Arigáo Koca, um dos mais perfeitos e poderosos xamãs dos espíritos, e Akirío Boróro Kejéwu, o conhecido Tiago Marques Aipoburéu, são alguns dos principais informantes nativos.

De posse de um imenso cabedal de informações e conhecimentos puderam os autores elaborar a Enciclopédia Bororo que constará de quatro volumes: 1.º Vocabulários e Etnografia; 2.º Língua, lendas e nomes próprios; 3.º Cantos; 4.º Acul-turação. O primeiro volume veio à luz em 1962, sendo recebido com muitos e merecidos encômios pela crítica especializada internacional.

O volume aqui resenhado apresenta 62 lendas e uma lista de antropônimos Bororo (p. 1169-1269).

As lendas estão reunidas nos seguintes grupos: 1 — lenda da inundação geral, 2 — lendas do ciclo do chefe Baitogógo, 3 — lendas do chefe Akarúlo Bokodori, 4 — lendas do chefe Jerigi Otojwu, 5 — lendas do herói Toribúgu, 6 — lendas do herói Kí Bakororo, 7 — lendas dos dois chefes Uwaboewu-dóge, 8 — lenda do índio Nonógo Pori, 9 — lendas sobre a origem de alguns seres, 10 — contos do macaco Juko, 11 — contos da onça Adúgo, 12 — contos das pombas Metúgoe, 13 — contos diversos, 14 — contos com protagonistas femininos, 15 — lendas dos espíritos Méri e Ari.

A primeira lenda é a narrativa de uma "inundação geral que destruiu todos os membros do grupo, exceto um, chamado Meriri Póro. Desta calamidade universal surgiu uma nova nação bororo, em tudo semelhante à anterior, cujos heróis e feitos são celebrados nas lendas que constituem seu patrimônio histórico e literário. A estória parece marcar o começo do que poderíamos chamar de período lendário da tribo, pois todos os outros referem-se a acontecimentos posteriores a ela. Nestes, vivem grandes personagens, verdadeiros guias e legisladores de seu povo; desenrolam-se as principais gestas da comunidade e ditam-se as leis da vida clânica e social".

No ciclo do chefe Baitogógo temos uma série de sete lendas que dizem respeito a um índio dotado de excepcionais prendas físicas e capacidade de organização, previsão e coragem, no qual todos os índios devem confiar cegamente.

Akarúlo Bokodori, chefe com destacado papel na história da tribo, é um verdadeiro organizador, já que por sua iniciativa os índios reúnem-se na aldeia Arigão Bororo, que resulta na dispersão de vários grupos. Ainda ele é possuidor das onças Adugo-dóge, animais selvagens de grande importância para a tribo.

O chefe Jerigi Otojiwu, que segundo alguns informantes é o pai de todos, muito contribuiu para a consolidação da estrutura social dos Bororo.

Toribúgu é um herói que pretende salvaguardar as leis clânicas do casamento ao mesmo tempo que exalta o poder de sua avó.

Ki Bokororo é um dos primeiros descendentes do casal que restabeleceu a tribo depois da grande inundação.

Nas lendas dos chefes Uwaboreu-dóge fica bem evidenciada a rigorosa observância das leis clânicas e sociais por parte dos Bororo.

Durante a viagem de Nonogo Póri, em visita a um parente, bem se percebe a legitimação do descobrimento e vivência de determinados totens e a existência de definidos usos na alimentação dos Bororo.

As origens da galta-colar (lembrança das lamas), dos cães, da coroa de folhas de acumã, de alguns peixes, das estrelas e seus nomes, dos morros, etc. são alguns dos temas enquadrados no item 9.

Nas lendas do macaco Juko entreve-se bem uma resposta dos índios aos maus tratos dos invasores brancos e a afirmação da superioridade indígena frente ao branco recém-vindo.

A côr amarelada dos olhos da onça, o canto do jaó, a magreza das pernas do tamanduá e o menosprezo com que os Bororo tratam o felino é a temática principal das lendas da onça Adugo.

Metugoe duas pombas-mulheres, são as progenitoras do sub-clã Aroroe Cabe-giwuge. Nas lendas que lhes dizem respeito tem-se a origem mágica e lendária do sub-clã.

Origem mágica da raia, do macauã, do papagaio, um diálogo simulado entre a pedra e a taquara (dois totens da tribo) onde ficam evidenciadas a fertilidade e a vitalidade dos Bororo e interpretação popular do nome de alguns animais são os assuntos dos contos diversos.

São os aspectos mais importantes da organização social da tribo que servem de pano de fundo para as lendas com protagonistas femininos.

Méri e Ari, dois espíritos que vagueavam pela floresta, encontram-se com dois chefes Bororo e a partir desse passo assim narra-se a aparição desses dois seres mitológicos e suas façanhas.

Cada lenda é acompanhada de uma breve introdução e tentativa de interpretação. Segue-se a tradição portuguesa livre e o texto bororo com tradução literal justalinear que está acompanhado por inúmeras notas explicativas, referentes ao texto bororo.

A lista dos antropônimos, que indicam uma relação entre o indivíduo portador de um nome, o clã da própria mãe e os totens ou ancestrais do sipe, tem cada verbete enriquecido por uma série de informações de ordem lingüístico-cultural, valorizando ainda mais o volume. — ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES.

LANGENBUCH, Juergen Richard — *Estruturação da Grande São Paulo*. Estudo de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, IBC, 1971, 344 p.

A presente obra resultou de uma tese de doutoramento, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, da Universidade de Campinas, em 1968.

O objetivo do autor é estudar o complexo organismo metropolitano que é a Grande S. Paulo, visando a sua caracterização e definição.

A obra consta de cinco capítulos, quatro dos quais dedicados ao estudo evolutivo da aglomeração, procurando definir os fatores, fases e processos que condicionaram e caracterizaram a metropolização. O último capítulo estuda a estrutura atual do organismo metropolitano, propondo a delimitação da Grande São Paulo.

No primeiro capítulo, "Os arredores paulistanos em meados do século XIX", o autor analisa o uso do solo dos arredores paulistanos distinguindo duas faixas concêntricas em torno da cidade de São Paulo — "o cinturão de chácaras", contíguo à cidade e que era organizado "pela cidade para a cidade" e o "cinturão caipira", composto de propriedades menores, que se caracterizava pela cultura de subsistência e pela produção agrícola extrativa. Analisa ainda o sistema viário e os aglomerados urbanos da época.

O segundo capítulo focaliza "A evolução pré-metropolitana dos arredores paulistanos (1875-1915)", fase em que o antigo "cinturão de chácaras" foi anexado à cidade através de uma expansão urbana difusa. O "cinturão caipira" passou também por uma reorganização em consequência do crescimento da cidade, onde se encontrava seu mercado consumidor, sendo que a ferrovia funcionou como instrumento dessa reorganização.

O terceiro capítulo trata do "Período de 1915-40: o início da metropolização", quando novos espaços urbanos são anexados à cidade através de loteamentos, havendo uma verdadeira explosão da especulação imobiliária. Acentuou-se a preferência dos terrenos baixos para a instalação de indústrias, junto às ferrovias então existentes. Estas constituíram os grandes eixos do desenvolvimento suburbano. A circulação rodoviária também participou do desenvolvimento suburbano, originando ainda "povoados-entroncamento" a maiores distâncias da cidade. As atividades agrícolas estavam ligadas à produção de gêneros diretamente voltados ao abastecimento da capital, como a horticultura, floricultura e fruticultura.